O caótico dia-a-dia da Rodoviária

Reforma muda rotina das 400 mil pessoas que freqüentam local

É bem verdade que toda reforma gera um certo desconforto. Mudar os hábitos, conviver com as irritantes batidas de martelo, com o pó do cimento, não é muito agradável. Mas quando se pensa no resultado, logo se esquece o sacrifício. Situada no coração de Brasília, a Rodoviária do Plano Piloto interfere diretamente na vida das pessoas que circulam, trabalham e até vivem por ali. Com a reforma, todos tiveram que se adaptar aos inconvenientes do dia-a-dia. O tradicional comércio local, os lambe-lambes, os baleiros, os mendigos, estão todos, com "jeitinho" se adaptando à nova rotina.

Josialdo Alves Gomes, 26, o conhecido "Dentinho" da rodoviária, é engraxate. Está na profissão desde os 14 anos de idade, quando saiu de Marabá, no interior do Pará, para tentar a vida na capital. Casado e pai de um filho, a lida na rodoviária é que garante o aluguel da casa onde mora. "Eu praticamente cresci aqui. Fiz até um curso de vigilante para ver se mudava de profissão mas o negócio está difícil", diz Dentinho. Para ele, a reforma está atrapalhando um pouco. Ele tem pressa e quer que a nova rodoviária fique logo pronta. "Com a poeira o cliente não encosta mais aqui. Quero acreditar que em setembro isso acabe", diz.

O baleiro João Fontenelli tem dez anos de rodoviária. Sempre sorridente, lamenta ter deixado a esposa e mais oito, dos doze filhos, em São Benedito, no Ceará, para trabalhar em Brasília. Acostumado até com os vazamentos da antiga rodoviária, João está confiante. "Com a reforma isso aqui vai ficar muito bom. As coisas vão se organizar mais. Vale a pena esperar", acredita. A doméstica Filomena Souza, diariamente pega o ônibus para a Agrovila São Sebastião. Ela trabalha na Asa Norte e tem fé que a rodoviária melhore bastante. "A poeira incomoda a gente. Tomara que valha a pena a espera", diz.

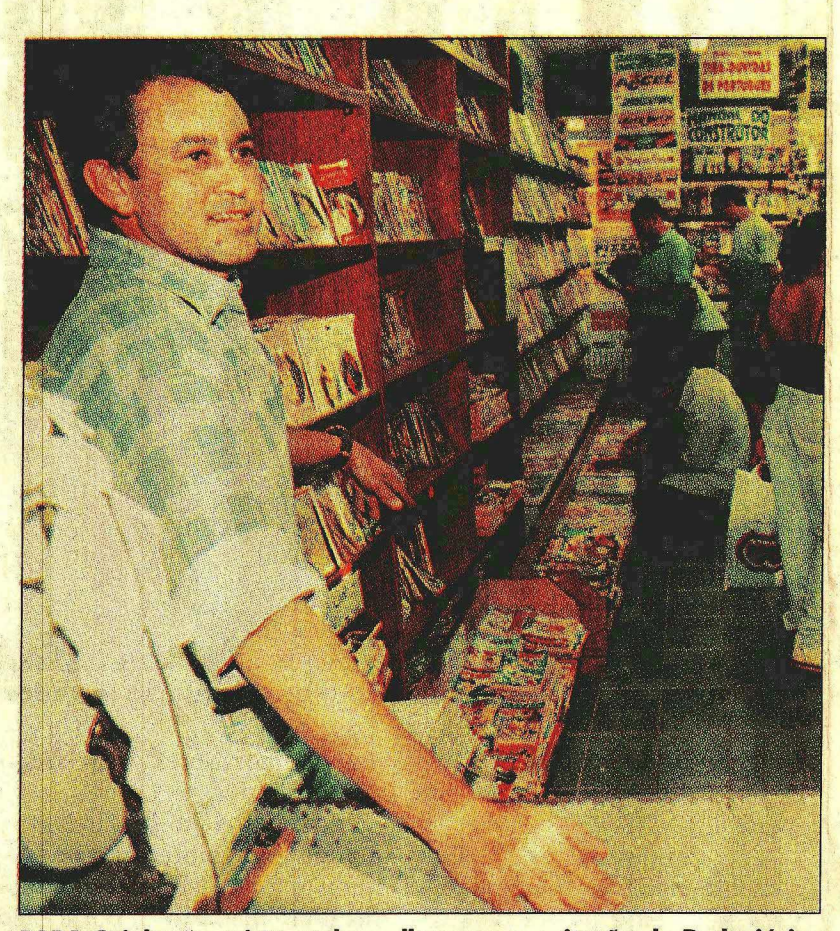
Atração

As novas e provisórias estruturas, como os quatro lances de escada que ligam a plataforma inferior à superior, ou o elevador improvisado para transportar deficientes, grávidas e idosos, suportam o trânsito de, aproximadamente, 400 mil pessoas por dia. Na correria de chegar ao trabalho ou em casa, há quem tenha tempo para uma boa dose de humor. O elevador virou uma das principais atrações. No sobe e desce é difícil não ouvir um gritinho ou um risada dos mais desavisados que se assustam com a velocidade do aparelho. "O jeito é a gente se acostumar. É engraçado esse elevador", afirmou uma senhora.

A remoção dos ambulantes da feira da rodoviária congestionou ainda mais o cenário. Para ter acesso ao comércio da plataforma superior ou ao Conjunto Nacional é preciso enfrentar um corredor de camelôs que vendem de tudo. Para o proprietário da Livraria da Rodoviária, Manoel Moreira, que funciona no local desde 1968, a dificuldade de acesso está prejudicando o movimento da loja. "Os clientes perderam a identidade com a loja. A invasão dos camelôs dificulta a passagem", reclama Manoel.

Dona Maria Inês Ferreira, feirante há 15 anos, se defende. "Com a retirada da minha barraca lá debaixo não tive outra opção. Fiz minha vida aqui na rodoviária. Pensei que teria uma barraca para garantir a velhice e pedi tudo. Não sei em que a reforma me beneficia", pergunta Inês.

DANIELA SILVA MENDES
Repórter do **Jornal de Brasília**



PARA Oriel, não existe nada melhor que a agitação da Rodoviária

Fotos: Felipe Barra

REFORMA interfere no cotidiano dos que têm que circular pelo lugar, há quatro meses em obras

Poeira dispensa farinha na carne

A extensão da rodoviária, localizada próxima ao Gran Circo Lar, complementa o visual conturbado que a reforma da rodoviária criou. Além dos ambulantes que invadiram a área essa semana, várias carrocinhas de cachorro-quente e churrasquinhos disputam o espaço com carros, ônibus e pedestres.

O local é o maior alvo de reclamações dos comerciantes e usuários. Para lá foram transferidos os ônibus interestaduais. Com o período de seca que Brasília já está enfrentando, a poeira se transformou no maior inimigo quem depende do transporte coletivo.

Sem levar muito a sério o pequeno caos criado com a reforma, um churrasqueiro, que não quis se identificar, disse à reportagem do **Jornal de Brasília** que está até gostando de ficar ali. "Estou economizando. Esquento um churrasco, passo no molho e o freguês não precisa nem se preocupar com a farinha", brinca.

Pó vermelho

A proprietária da loja Samuel Credmann e filhos Ltda., Leonia Credmann, trabalha na rodoviária há mais de 20 anos. Para ela, o sacrifício em função da reforma está sendo muito grande e não sabe se vai valer a pena. "Sinto saudade da organização de antigamente. Tínhamos os ônibus arrumadinhos. Agora é muita sujeira, um pó vermelho que ninguém dá conta. O pessoal quase não pára aqui. É limpando e sujando toda hora, fora os assaltos aqui nas redondezas", reclama Leonia.

O motorista Osmério Estevam não se incomoda muito com a bagunça. Ele afirma que quem realmente reclama são os passageiros. "Para o motorista não faz muita diferença o local de trabalho. Acho que a nova rodoviária vai facilitar a vida dos passageiros", acredita.

Quem está do outro lado da pista agradece não precisar pegar os ônibus interestaduais. A agente de portaria Amélia de Jesus morou muitos anos no estado de Goiás e lembra do tempo que pegava ônibus do outro lado. "Lá está muito ruim. É o sapato que suja, a pista que tem que atravessar. Aqui nem se compara. Mas bom mesmo seria que as obras ficassem prontas logo", diz Amélia.**(D.S.M.)**

Amor pelo local muda jornalista

Uma das histórias mais curiosas da rodoviária é a do cearense Oriel Araújo, gerente da tradicional banca de revistas Brasiliana. Oriel gosta tanto da rodoviária que até a esposa conheceu lá. Com pequenos caprichos conseguiu conquistar uma cliente por quem havia se apaixonado e o resultado são dez anos de casamento, completados no fim do mês, e dois filhos.

Para ele, não existe nada melhor que a agitação da rodoviária. "Adoro trabalhar com o povão, com a massa. Tentei ser jornalista mas não deu muito certo", brinca.

Formado em jornalismo pela Universidade Federal do Ceará, Oriel sente um pouco de saudade da carreira mas não pensa em voltar. Segundo ele, não é muito difícil se adaptar à reforma. "A rodoviária não pára. É gostoso estar aqui. Se a mulher aguenta carregar um filho nove meses porque a gente não pode aguentar essa obra também?", pergunta.

Os fotógrafos Osvaldino Alves e José Falcão reclamam um pouco do movimento e depositam as esperanças no metrô que pode levar uma nova clientela para a rodoviária. "Hoje eu tiro umas 15 fotos por dia. Antigamente era o dobro. Mas eu acho que se é para melhorar vale a pena o esforço", afirma Alves. Falcão está no negócio desde os nove anos de idade. Começou a aprender fotografia ajudando o irmão que também trabalhava na rodoviária. "Gosto muito daqui. O dia passa rápido". Hoje, com 26 anos, Falcão vê na reforma a esperança de melhoria nos negócios. "Vamos ter até boxes fixos. O que vai ser muito bom", comemora Falcão. **(D.S.M.)**